
Autobiografia não escrita de Martha Freud

Rodrigo Felipe Veloso

Universidade Estadual de Montes Claros

Doi

<https://doi.org/10.37508/rcl.2025.n54a1366>

Queria compreender por que renunciei, por toda minha vida, a pensar por mim mesma, a decidir meu destino. Por que me devotei completamente a uma vida e à execução de uma obra que não eram minhas. (Rosen, 2008).

Ele [Freud] era nosso sol e, como girassóis, éramos atraídos por sua luz. Nossos filhos devem ter sentido isso muito cedo (Rosen, 2008, p. 34).

Teolinda Gersão é uma renomada escritora e foi professora universitária portuguesa, nascida em Coimbra, em 1940. Com uma carreira literária marcada pela profundidade psicológica e pelo olhar crítico sobre questões sociais, culturais e políticas, ela se consolidou como uma das vozes mais importantes da literatura contemporânea em língua portuguesa.

Formada em Germânicas e Filosofia na Universidade de Coimbra, continuou seus estudos em Universidades da Alemanha e do Brasil, onde teve contato com diversas correntes de pensamento que influenciaram sua produção literária. Teolinda também lecionou na

Universidade Nova de Lisboa, dedicando-se ao ensino de literatura e estudos culturais.

Gersão estreou na literatura com o romance *O silêncio* (1981), uma obra que já anunciava seu estilo singular, marcado por uma prosa densa, introspectiva e, ao mesmo tempo, crítica. Sua escrita transita entre o real e o simbólico, explorando temas como a identidade, o feminino, o poder, a memória e o deslocamento. Entre seus livros mais aclamados estão *A casa da cabeça de cavalo*, *Os teclados*, *A cidade de Ulisses* e *O regresso de Júlia Mann a Paraty*, este último explorando a biografia ficcional da mãe do escritor Thomas Mann, o que reflete seu interesse pela interseção entre História e Literatura.

Annabella Rita e Miguel Real (2021) descrevem as narrativas de Teolinda Gersão contendo as “relações intertextuais através de uma tópica em que cada imagem é plurissignificativa e plurifuncional: cada uma, para além do significado literal, arrasta outros, cuja dimensão simbólica remete para outros textos da autora” (Rita; Real, 2021, p. 12-13).

Não gratuitamente, o seu mais recente romance tem o sugestivo e provocador título *Autobiografia não escrita de Martha Freud* (2024a), deixando o leitor atônito com diversas interrogações, dentre elas a que logo chama a atenção, especialmente por tratar-se de um jogo entre ficção e realidade, em que a vida de Martha se torna um espaço para a autora discutir questões de gênero, identidade e a própria função da escrita. Nesse tocante, Teolinda afirma que: “a única coisa que inventei (...) é que Martha, na última fase da sua vida, procurou ler e reler todas as cartas que pôde, (...) para descobrir quem tinha sido afinal ela própria, e também o homem com quem se casou” (Gersão, 2024b).

Nesse sentido, de um jogo de memórias, do exercício literário ousado e profundamente reflexivo, ganha destaque a atividade criativa da memória que dá voz àquela que a história oficial re-

legou à sombra do famoso marido, Sigmund Freud. Isso porque “enquanto Freud revolucionava a definição da natureza humana e fazia nascer a psicanálise, ela cuidava da casa e criava os seis filhos” (Rosen, 2008, p. 96). A obra é uma ficção que imagina o que poderia ter sido o diário ou o relato íntimo de Martha Freud, mergulhando no universo das ausências, silêncios e interdições que cercam a figura feminina em contextos históricos patriarcais.

Gersão, no livro em apreço, descreve a vida de Martha Freud e para isso utiliza-se de documentos reais, como as cartas enviadas e trocadas por Freud a Martha e a outras pessoas, cartas estas escritas durante o noivado, entre 1882 e 1886. Encontra-se nelas um sentimento inicial de amor e aprendizado que a protagonista nutria com relação a Freud; entretanto, ao longo do relacionamento, Martha relata que “Sigmund fazia de tudo para me manter naquele encantamento. Não me largava nunca. Era uma carta por dia, à qual era preciso responder imediatamente, senão vinha uma avalanche de reprimendas e queixas” (Rosen, 2008, p. 97). E ela complementa: “não me deixava tempo de pensar em outra coisa – nem ousar dizer em outra pessoa” (Rosen, 2008, p. 97).

A Autobiografia não escrita de Martha Freud (2024a) se estrutura como uma narrativa em primeira pessoa, onde Martha, já idosa e imersa em suas memórias, reconstitui fragmentos da própria existência. “Perdi o homem a quem me dediquei mais de cinco décadas, e não posso negar que amei. Tenho mais de oitenta anos, estou a chegar ao fim, sinto-me frágil e cansada, sei o que é viver e morrer [...]” (Gersão, 2024a, p. 12). Martha conclui seu raciocínio dizendo: “[...] criar filhos e netos, ser esposa, mãe, anfitriã, dona de casa, avó, sei tudo e vivi tudo, mesmo as grandes perdas e houve tantas no caminho” (Gersão, 2024a, p. 12-13).

Um dos aspectos mais significativos da escrita de si no romance é a forma como Martha questiona o próprio lugar enquanto mulher,

esposa e mãe em uma sociedade patriarcal. Suas reflexões não seguem uma linearidade tradicional; ao contrário, são fragmentos de memórias, pensamentos inacabados e emoções contidas que, juntos, constroem uma subjetividade complexa. Ela escreve (ou pensa) para si mesma, em um processo que busca compreender, mais do que narrar, a sua existência: “[...] Sigi viajava, por vezes acompanhado, e me deixava sozinha” (Gersão, 2024a, p. 14).

Essa frase ilustra não apenas o modo de sua vida ao lado de Freud, mas também a ironia amarga de alguém que teve sua identidade anulada enquanto vivia ao lado de um dos maiores intérpretes da psique humana. O próprio título do romance é uma metáfora para a invisibilidade imposta, mas também para a possibilidade de reescrever o que ficou ausente.

Diante disso, o que torna essa obra notável é o modo como Teolinda Gersão constrói uma personagem que, apesar do título “não escrita”, emerge com uma voz potente, capaz de questionar, resistir e reinterpretar a vida que lhe coube viver ao lado do pai da psicanálise.

A minha narrativa – desde que possa sustentá-la, e eu posso – tenho tanto direito a existir como qualquer outra. Sou livre portanto de continuar a escrever, egoistamente, do meu ponto de vista, sem querer saber das consequências, como Sigi sempre fez? (Gersão, 2024a, p. 16).

A linguagem da autora é direta, mas carregada de lirismo e sutileza. Gersão desenvolve o fluxo da consciência de Martha com uma prosa que oscila entre o ressentimento velado, a melancolia e uma amarga ironia. Um dos exemplos mais impactantes é quando Martha reflete sobre o papel submisso da esposa vitoriana, sempre relegada ao espaço doméstico e à invisibilidade emocional, enquanto seu marido se dedicava ao estudo da psique humana, mas ignorava a complexidade da própria mulher, numa espécie de ironia parado-

xal que revela que ele poderia decifrar os sonhos do mundo inteiro, menos os de sua mulher, Martha.

Essa ideia latente sintetiza o paradoxo que o romance desenvolve: a ironia de um homem que desvendou o inconsciente, mas falhou em compreender as emoções mais próximas. Teolinda Gersão também aborda a questão da maternidade, não como um espaço idealizado, mas como um fardo imposto, um destino inescapável que define e limita a identidade de Martha. A autora não romantiza o papel da esposa e da mãe; pelo contrário, expõe suas contradições e frustrações. “Quando alguma coisa me inquietava e deixava ansiosa, isolava-me numa solidão bem-vinda, à procura de uma solução possível” (Gersão, 2024a, p. 12).

Outro aspecto notável do romance é o modo como ele explora o silêncio – não apenas como ausência de fala, mas como uma linguagem própria. O silêncio de Martha, suas pausas e reflexões não ditas, torna-se um grito de resistência, uma forma de se afirmar diante da figura esmagadora de Freud. “Sentia-me satisfeita e preenchida, o tempo voava sem eu saber como, e em cada dia o prazer recomeçava” (Gersão, 2024a, p. 14).

Em termos de estrutura narrativa, Gersão opta por uma escrita fragmentada, quase como se o texto fosse composto por memórias soltas, diários nunca escritos ou cartas que nunca foram enviadas. Esse formato contribui para a sensação de intimidade e de uma vida construída nas entrelinhas da história oficial.

No romance *Autobiografia não escrita de Martha Freud* (2024a), Teolinda Gersão propõe uma reflexão instigante sobre o conceito de escrita de si, ao imaginar a voz e as memórias de uma mulher cuja existência histórica foi silenciada pela figura imponente de seu marido, Sigmund Freud. Trata-se de uma ficção que, embora não baseada em documentos autobiográficos reais, reconstrói de forma

literária um espaço para que Martha possa narrar a própria vida, rompendo com o apagamento ao qual foi relegada. “Estou portanto cercada e paralisada, perante uma autobiografia, ou o começo de uma autobiografia já nascida morta. Mas, apesar de tudo, será razão suficiente para interromper a escrita?” (Gersão, 2024a, p. 17).

A escrita de si, conforme teorizada por autores como Michel Foucault (1992), refere-se à prática de construir a própria identidade através da narrativa pessoal, seja em diários, memórias ou autobiografias. No caso de Martha Freud, Gersão faz desse processo uma forma de resistência simbólica: ainda que Martha tenha deixado um registro escrito, o romance lhe concede a possibilidade de existir plenamente e de modo autônomo, ressignificativo por meio da palavra, reiterando uma nova posição e condição da mulher que na realidade dos fatos não se destinava a esse feito, pois vivia de forma subalterna.

O conceito de escrita de si oferece uma lente teórica potente para analisar o romance *Autobiografia não escrita de Martha Freud* (2024a), de Teolinda Gersão. Foucault entende a escrita de si como uma prática reflexiva, através da qual o sujeito se constrói e se transforma, não apenas para registrar a própria existência, mas para elaborar uma ética da subjetividade. Esse processo não depende necessariamente da publicação ou do reconhecimento externo; trata-se de um exercício íntimo, no qual o ato de escrever é uma forma de cuidado de si, uma maneira de pensar e de existir no mundo. “Contudo acabei por dar comigo envolvida numa tarefa que começara a preparar havia décadas, mas fora adiando pôr em prática: Escrever minha autobiografia” (Gersão, 2024a, p. 14). Dito de outro modo, “escrever é, portanto, ‘se mostrar’, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro” (Foucault, 1992, p. 156).

A figura de Martha Freud é resgatada do silêncio histórico e da invisibilidade a que foi relegada enquanto esposa de Sigmund Freud. Embora Martha nunca tenha deixado um diário ou uma autobiografia real, a autora cria uma narrativa que funciona como se fosse um testemunho íntimo, uma autobiografia ficcional. Esse gesto literário dialoga diretamente com a ideia foucaultiana de que a escrita de si não está restrita a registros factuais, mas é uma forma de construção da subjetividade.

Com efeito, a escrita de si se caracteriza pela produção de narrativas que aproximam a ficção da realidade, uma ficcionalização que a escritora realiza de uma vivência individual que transpassa a experiência do coletivo, o tempo é circular, com trânsito frequente entre o passado e o presente, exercício literário inerente da modernidade.

Esse “não escrito” nesta autobiografia pode ser entendido como análogo ao próprio espaço terapêutico, isto é, uma área potencial onde o significado pode emergir através da ausência. Teolinda utiliza este espaço não escrito para examinar não apenas a vida de Martha, mas a própria natureza da autonarrativa e da cura, visto que se libertar de quaisquer amarras condiciona o indivíduo a expressar sentimentos, pensamentos e promover o autoconhecimento: “já tinha escrito mais de uma centena de páginas, em longas tardes em que me alheava de tudo à minha volta e mergulhava na narrativa que me exigia inteira” (Gersão, 2024a, p. 12). E conclui: “[...] sem ter consciência de mais nada, quando de repente tive um sobressalto: a força, e portanto o perigo, das palavras no papel” (Gersão, 2024a, p. 12).

Vale lembrar que, na realidade dos fatos, Martha não escreveu sua autobiografia. Nesse sentido, Teolinda Gersão é quem retrata essa faceta na concepção da personagem-protagonista, cuja identidade a História destacou junto ao marido Freud, e, sobretudo, pelo viés da

Literatura, é que fica evidente esse outro aspecto aparente nas cartas, entretanto, ainda esquecido pelo contexto histórico e social.

A ideia de que a vida de uma pessoa não pode ser completamente capturada pela escrita é central ao romance. Martha Freud reconhece que há silêncios, espaços em branco, coisas que não podem ser ditas ou que não encontraram palavras. Esse silêncio, no entanto, não é apenas uma falta, mas também um espaço de/ em potência, no qual a personagem pode encontrar uma forma de ser que escapa às narrativas convencionais. A incompletude da autobiografia de Martha reflete a própria complexidade da existência humana, que nunca pode ser totalmente fixada em palavras.

Em linhas gerais, o romance de Teolinda Gersão é um exercício literário e político de reconstrução da memória e da identidade feminina. A escrita de si, mesmo que fictícia, funciona como um gesto de reparação simbólica, permitindo que uma voz silenciada pela história possa finalmente ser ouvida. A *Autobiografia não escrita de Martha Freud* (2014a) nos convida a refletir sobre quantas outras histórias ficaram por contar e sobre o poder da literatura de preencher esses vazios da memória coletiva.

Assim sendo, a *Autobiografia não escrita de Martha Freud* (2024a) é um livro que não apenas reescreve a história de uma mulher esquecida, mas também questiona as narrativas dominantes que apagam as vozes femininas. Teolinda Gersão, portanto, com sua prosa incisiva e sensível, convida-nos a refletir sobre o papel da mulher na História e na Literatura, e sobre o que significa ter, ou ser negado, o direito de narrar a própria vida. Logo, o “não escrito” é, paradoxalmente, aquilo que se torna mais visível e significativo.

RECEBIDO: 03/02/2025

APROVADO: 20/03/2025

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Tradução de Antônio Fernando Cascais, Eduardo Cordeiro. Rio de Janeiro: Vega, 1992. p. 144-162.

GERSÃO, Teolinda. *Autobiografia não escrita de Martha Freud*. Portugal: Porto Editora, 2024a.

GERSÃO, Teolinda. E-mail de lançamento livro *A autobiografia não escrita de Martha Freud*. Destinatário: Grupo de Pesquisa Teolinda Gersão. (S. l.), 2024b. 1 e-mail.

RITA, Anabella; REAL, Miguel. *O essencial sobre Teolinda Gersão*. Lisboa: Imprensa Nacional, 2021.

ROSEN, Nicolle. *Madame Freud: um retrato íntimo e revelador do pai da psicanálise pelo olhar de sua esposa*. Tradução de Marisa Rosseto. Campinas/SP: Verus, 2008.

MINICURRÍCULO

RODRIGO FELIPE VELOSO é pós-Doutor em Letras: Estudos Literários na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Doutor em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); docente no departamento de comunicação e letras da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Atua nos projetos literários sobre as vozes portuguesas, o mito e a construção do imaginário português em Teolinda Gersão e sobre a diáspora e memória na literatura de escritoras judias no Brasil.